

---

# A LITERATURA BRAZILEIRA

## SYNTHESE HISTORICA

---

A critica não pôde ser severa, sob pena de atacar pela raiz a poesia nascente e fazer desanimar as vocações esperançosas. O seu papel é aconselhar o talento, e revelá-lo ao publico, que num paiz, tão pouca o dado ás letras, nem sempre é bom juiz dos esforços conscienciosos do poeta.

LOPES DE MENDONÇA.

A acção politica do seculo XVI, em Portugal, deu á sua literatura um tal desenvolvimento e brillantismo, que nenhum outro paiz do mundo logrou igualal-a nesse assignalado periodo de elaboração fecunda e perduravel.

Foi então que os grammaticos disciplinaram a lingua, generalizando as transformações morphologicas, phoneticas e lexicas; estabelecendo-se entre as duas nações ibericas o synchronismo literario — que pôde ser synthetizado em Camões e Cervantes.

Entrementes era fundado o theatro portuguez, por Gil Vicente, a poesia ampliava a sua esphera olympica, passando do simples lyrismo bucolico e pastoril de Antonio Ferreira, Sá de Miranda, e Bernardim Ribeiro, ás tentativas épicas de Jeronymo Côrte Real e Vasco Mousinho, attingindo na epopéa dos *Lusiadas* a glorificação de um povo e a consagração de uma época.

Resumido assim o periodo aureo da fonte originaria da nossa literatura,<sup>1</sup> a ella ainda estamos intimamente ligados por laços

---

<sup>1</sup> A lingua portugueza começou a emancipar-se da castelhana desde 1279, sendo já notavel a sua emancipação em 1325, como se vê no *Cancioneiro* de Dom Diniz, nas *Chronicas* de Fernão Lopes, de Gomes de Azurara, de Ruy de Paiva, etc.

de sangue, de lingua, de tradições, usos, costumes e religião: e já é notavel a acção individual de poetas e prosadores, que neste seculo têm pugnado pela nossa completa emancipação literaria.

Sinto não dispôr, neste ligeiro estudo, do espaço indispensavel para uma detida analyse do *meio*, da *raça*, e do *momento*; em outra obra, porém,<sup>1</sup> demonstro que a nossa poesia popular observa singularmente a triplice formula de Taine, ao passo que nenhum dos nossos poetas, com excepção de Gregorio de Mattos, obedeceu á acção do *meio* até ao tardio triumvirato de Porto Alegre, Magalhães e Gonçalves Dias, embora no ultimo destes e em Caldas Barbosa tenhamos o attestado da *raça*, sem que em outro qualquer se possa observar, até então, o *symptoma* do *momento*.

Pareciam timbrar os nossos mais peregrinos engenhos em manter-se fieis como as Vestaes ante as pyras já bruxoleantes da somnolenta escola arcadica, á semilhança dos primitivos poetas holandezes, que se desvaneciam de ser oriundos duma colonia asiatica, ostentando teimosamente um assimilado orientalismo hellenico,—phenomeno este que mais adiante analysarei em muitos dos nossos modernos poetas.

Temos incontestavelmente, neste seculo, alcançado as mais completas victorias intellectuaes sobre a antiga metropole. E' verdade que ainda nenhum dos nossos mais poderosos artistas do verso burilou um poema tão imaginoso e original como *Os Simples* de Guerra Junqueiro, nem possuimos ainda um romancista com o criterio analytico de Eça de Queiroz; mas temos, em compensação, historiadores da elevação de Theophilo Braga, poetas lyricos que sobem tão alto como Fernandes Costa e João de Deus, criticos que podem ser comparados a Teixeira Bastos, e oradores que se chamam Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e Manoel Victorino.

Além disso, o melhor dictionario classico da lingua portugueza (na época em que appareceu) foi organizado pelo fluminense Antonio de Moraes e Silva; os eruditos José Bonifacio de Andrada e os viscondes do Rio Grande e de Cayrú, abordaram entre nós assumptos scientificos ainda não transportados naquellas épocas para as occidentaes praias lusitanas.

---

<sup>1</sup> *Parnaso Brasiliense* por Mucio Teixeira.

A acção de Porto Alegre, Magalhães e Dias, muito embora simultanea com a de Garrett, Herculano e Castilho, teve sobre a destes a extraordinaria vantagem de não se limitar a uma simples transplantação de escola literaria do caes do Senna para as margens do Tejo; pois muito mais vibrante e luminosa foi a nitida visão da poesia selvagem do que a adaptação dos velhos assumptos e da morbida sensibilidade portugueza aos moldes francezes do romantismo em voga.

A poesia hugoniana já tinha entre nós representantes de primeira grandeza, em Pedro de Calazans, Pedro Luiz, Castro Alves, e Tobias Barreto, quando surgiram em Portugal os seus primeiros—Guilherme Braga e Guerra Junqueiro. Byron ainda não teve em Portugal um interprete que se possa comparar com o nosso Francisco Octaviano, nem Henrique Heine foi comprehendido por lá como o tem sido, tão intimamente, entre nós, nestes ultimos annos.

Sylvio Roméro, escrevendo a proposito do meu livro *Novos Ideaes*,<sup>1</sup> observa, não só a prioridade politica do nosso movimento revolucionario de 1817, sobre a platonica tentativa portugueza de 1820, como tambem estes factos: «Portugal não tem um *maestro* como o nosso Carlos Gomes, nem um pintor que se compare aos nossos Pedro Americo e Victor Meirelles.»

Posso ainda acrescentar que tambem não tem, neste seculo, um guerreiro como os nossos Conde de Porto Alegre, Ozorio ou o Duque de Caxias.

Voltando, porém, ao assumpto principal desta obra,<sup>2</sup> procurarei ver qual tem sido a marcha evolutiva da literatura brazileira, analysarei as causas organicas e os phenomenos estranhos que maior influencia têm tido sobre o seu desenvolvimento: synthetisarei o seu estado actual e sondarei as suas tendencias para o ideal do futuro.

Anchieta (1553—1597) parece mais um typo lendario do que mesmo uma personalidade literaria: a não ser a prodigiosa catechese, em que prestou tão assignalados serviços á civilização, o seu vigor intellectual esterilizou-se em ligeiros autos religiosos, não nos restando um só dos 5766 versos latinos do seu poema em louvor

<sup>1</sup> *Revista Brazileira*, tomo V, (1880)

<sup>2</sup> *Poetas do Brazil*, synthese bio-bibliographica, (seculos XVII, XVIII e XIX) por Mucio Teixeira.

da *Virgem*, naturalmente por escrevel-os na areia das nossas praias, segundo rezam as chronicas do tempo... De Bento Teixeira Pinto, apenas repetirei que foi o autor da «primeira obra em verso composta por um natural do Brazil»; cumpre-me apenas designar este mero facto chronologico, passando em seguida a analysar a poderosa cerebração da grande individualidade literaria, que representa o ponto inicial da verdadeira poesia brasileira.

➤ Gregorio de Mattos (1633—1696) apparece entre nós com a sua caracteristica *vis comica*. Rude sempre, e não raras vezes obsceno, como Lucrecio, não nos deixou contudo um poema tallado pelo molde do celebre *De natura rerum*. Rindo das miserias humanas, não como Democrito, mas com a gargalhada ruidosa e prolongada de Juvenal, soffreu como este as duras consequencias da sua falta de siso. A setima satyra do famoso poeta latino fel-o errar por Syenna, desterrado no Alto Egypto; o nosso poeta, satyrisando um sobrinho de governador, viu-se tambem em agruras, sendo deportado para Angola. A sua obra póde ser considerada como o ponto de partida da poesia propriamente brasileira, pois elle inspirou-se exclusivamente em individualidades e costumes do seu tempo e principalmente de seu meio.

Além disso, foi esse extraordinario poeta tão odiado e perseguido durante a vida o quanto tem sido calumniado pela posteridade, apesar de ter elle desaparecido ha dois seculos da aspera crosta deste miseravel planeta. Dentre os muitos, que a inveja fez odial-o, houve um que o comprehendeu, porque era esse o glorioso padre Antonio Vieira, que chegou a dizer que: «maior fruto faziam as satyras de Mattos que as missões de Vieira». Além de satyrico sem rival até hoje, Gregorio de Mattos deixou notaveis poesias lyricas e religiosas; e foi o primeiro, não só a introduzir na poesia portugueza o verso decasyllabo «que por isso ainda hoje é conhecido nos tratados de poetica sob o nome de *verso gregoriano*», como tambem adaptou á nossa poesia o verso assonantado, que rarissimos em Portugal e no Brazil têm cultivado, e ao qual os hespanhoes sabem dar tamanho realce.

Estende-se de então para cá um largo periodo de marasmo literario, até quasi á época dos poetas da *inconfidencia* mineira, destacando-se apenas, já nos fins do seculo XVIII, Domingos Caldas Barbosa (17?—1800) que tanto deu que fazer a Bocage, com os

seus chistosos improvisos, a quem Tolentino allude na deliciosa satyra *O passeio*.<sup>1</sup>

Santa Rita Durão (1720—1784) e Basilio da Gama (1740—1795) ensaiam a epopéa nacional: o primeiro no poema épico *Caramuru*, o segundo no delicioso poema descriptivo *O Uruguay*, além de outros poemas seus, que logo depois da sua morte foram lançados ás chammas por um frade fanatico que o assistira nos ultimos momentos. Poucos annos depois Fr. Francisco de S. Carlos (1763—1829) escreve o seu admiravel poema sacro *A Assumpção da Virgem*, com o qual ficou encerrado o periodo classico da poesia nacional: pois o primeiro poema que se lhe seguiu, em ordem chronologica, que é a interessante *Festa de Bello*, de Alvaro Teixeira de Macedo (1807—1849), já attesta uma certa emancipação de espirito impaciente por se libertar dos velhos moldes classicos.

Em 1789 foi denunciada a conspiração politica que se tramava em Minas contra o despotismo da metropole; em 1792, partindo em degredo perpetuo para as costas d'Africa os principaes representantes do movimento revolucionario (com excepção de Claudio Manoel da Costa), dispersou-se assim aquella admiravel pleiade de poetas patriotas, que tão saliente papel representam no nosso duplo scenario politico e literario.

De todos esses poetas o mais popular é Thomaz Gonzaga, o singelo cantor da *Murilia de Dirceu*, mas o seu merecimento literario em nada é superior ao dos seus companheiros Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga ou Claudio Manoel da Costa, destacando-se dentre elles Silva Alvarenga, pela fórma esthetica dos seus versos. Formaram elles a *escola mineira*, que é mais um producto *ethnico* do que mesmo *historico*.

O rio-grandense Araujo Porto-Alegre e o fluminense Magalhães, aos quaes se reuniu dez annos depois o maranhense Gonçalves Dias, formam o triumvirato a que estava destinado um mais brilhante papel, não só pela adaptação do romantismo á poesia nacional, como principalmente pelo *nativismo* das suas inspirações.

---

<sup>1</sup> «L'Abbé que encurta as batinas,  
Por mostrar bordadas meias,  
E presidindo em matinas,  
Vai depois ás assembléas  
Cantar modas co'as meninas. . . »

Surgiu então o *indianismo*, inquestionavelmente falso aos olhos de uma severa analyse scientifica, pois sob as plumagens multicores daquelles heroes de arco entesado e flexas sibillantes, o psychologo facilmente percebe uma alma occidental, eivada da nostalgia da Iberia; mas, attentas as circumstancias do *momento*, outro não podia ser então o resultado da obra d'arte entre nós.

Joaquim Manoel de Macedo e Manoel Antonio de Almeida (1855) iniciam o romance de costumes brasileiros, destacando-se a obra deste ultimo, intitulada *Memorias de um Sargento de Milicias*, que é a mais viva pintura que possuímos da época colonial. José de Alencar, Machado de Assis e Bernardo Guimarães conquistam mais tarde os mais assignalados triumphos nesse mesmo genero literario, destacando-se de todos os romances nacionaes *O Guarany* e o poema em prosa *Iracema*, ambos de Alencar.

Magalhães e Macedo fundam o theatro nacional, com as tragedias *Antonio José*, *Olgiato* e *Othelo*, do primeiro, e o *Cego*, *Cobé*, *Abrahão* e *Lusbella*, do segundo; Castro Lopes surge em seguida, com a tragedia *Abamoucaba* e o drama *A Educação*; Agrario de Menezes com o *Calabar*, Ferreira França com a *Lindoya*, d'ahi para cá muitos outros, de menos importancia, dos quaes destacarei Castro Alves, com o *Gonzaga ou a Revolução Mineira*, e José de Alencar, com as *Azas de um Anjo* e o *Demonio Familiar*.

De então por diante foi proclamada no nosso theatro a dictadura da opereta e das traducções de peças francezas, que tanto têm cooperado para a depravação do gosto publico.

Alvares de Azevedo (1852) e Junqueira Freire (1855) dão á poesia nacional esse character de *scepticismo* byroniano, que se reflecte em Teixeira de Mello (1858) e de *pessimismo* allemão, a Heine, a que mais tarde Casimiro de Abreu (1860) veio dar a nota intima do *desalento*, transparecendo nos dois primeiros o tedio, mas em todos elles luzindo amiudadamente um raio de mocidade, de esperança, de crença no sobrenatural: um como que fetichismo illuminado pela idéa de Deus.

Quanto á indole literaria de Alvares de Azevedo, cuja morte prematura veio roubar-nos inquestionavelmente um genio fecundo e creador como o de Shaskpeare ou Goethe, a que só faltou mais algum tempo de vida para dar á nossa literatura um poderoso rival de Cervantes ou de Byron, não posso especifical-a, não só por ser

a sua obra genial o fructo temporão de uma precocidade prodigiosa, como por ter sido ella uma verdadeira planta exotica no herbario da nossa flora litteraria.

Até á época do inesperado apparecimento e rapida passagem de Alvares de Azevedo, os nossos poetas pareciam soldados a montar guarda em tempo de paz, conservando-se em toda a linha com o mesmo uniforme, obedecendo militarmente como que a uma pesada disciplina mental. Elle foi o primeiro a destacar-se, como sentinella perdida na vanguarda de um acampamento em operações de guerra, soltando o grito de alarma, que obrigou o seu esquadrão a levantar acampamento, prompto para entrar em acção.

Assumindo o commando em chefe, por aclamação unanime dos combatentes, avançou com tal enthusiasmo, que o seu corcel de guerra desembestou pelos despenhadeiros da gloria... Foi o primeiro a cair, amortalhado na bandeira que desfaldara tão alto, mas o seu corpo foi conduzido em triumpho, com as pompas funebres que lhe eram devidas, e mais tarde o seu nome foi burilado em ouro nos marmores da nossa historia.

Durante trinta annos a acção de Alvares de Azevedo perdurou triumphante no espirito da nossa mocidade. Seis gerações academicas passaram pela Faculdade de S. Paulo, e todas ellas renderam preito e homenagem á memoria desse extraordinario poeta e precursor. E note-se que nesse radioso cenaculo de academicos havia poetas que se chamavam José Bonifacio, Pedro Luiz, Fagundes Varella e Castro Alves; oradores como Ferreira Vianna, Felix da Cunha, os já citados José Bonifacio e Castro Alves, Joaquim Nabuco e Oliveira Bello; jornalistas como Rangel Pestana e Ferreira de Menezes; romancistas como Bernardo Guimarães e Luiz Dolzani; dramaturgos como Sizenando Nabuco e Carlos Ferreira.

A acção de Junqueira Freire não foi tão manifesta e perduravel, como devia ser, já porque o seu isolamento claustral não lhe permitiu communicar-se com os espiritos do seu tempo, já porque a critica da sua obra, verdadeiramente genial, ainda está por ser feita. Quando amainar um pouco este temporal desfeito de *escolas*, que se desencadeou ultimamente na nossa atmospherá litteraria, a lei das reintegrações ha de determinar o lugar de honra a que tem direito este bello poeta-philosopho.

Casimiro de Abreu, desventurado como os seus dois antecessores citados, por morrer como elles no alvorecer da existencia, foi o unico a baixar ao tumulo com a convicção do resultado glorioso da sua obra, que é incontestavelmente inferior á de Alvares de Azevedo e Junqueira Freire. O seu delicioso livro das *Primaveras*, cuja edição esgotou-se rapidamente, foi recebido com unanimes applausos, grangeando-lhe da noite para o dia um invejavel renome. Nos seus ultimos seis mezes de vida, foi alvo constante de uma perenne apothese. A morte do pai, que lhe contrariara a vocação, permitiu-lhe a posse de abastada herança; o amor correspondido embalava-lhe os sonhos no idyllio de um propinquo noivado: seu nome era citado quasi diariamente nas folhas de maior circulação, suas poesias constantemente transcriptas, imitadas, parodiadas, fragmentadas em epigraphes pelos outros poetas do tempo; as senhoras da mais fina sociedade disputavam-lhe um autographo em seus *Albums*: os moços de certa cultura intellectual orgulhavam-se das suas relações de cerimoniaoso trato social, pois Casimiro de Abreu, timido e concentrado, só na intimidade de rarissimos amigos mostrava-se jovial e expansivo. A morte prematura veio dar ainda maior realce a sua tão singular estreia, cooperando definitivamente para o successivo numero de edições do seu precioso livro.

De 1860 até 1870, Bittencourt Sampaio, Zaluar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Fagundes Varella, Bruno Seabra, Joaquim Serra, Trajano Galvão e Juvenal Galeno, ensaiam simultaneamente o genero sertanejo; Pedro de Calazans, Zaluar, Pedro Luiz, José Bonifacio, Tobias Barreto, Rozendo Moniz, Zeferino Vieira, Victoriano Palhares, Castro Alves e Plinio de Lima enthusiasmam-se com os nossos heroes na Guerra do Paraguay e consagram-lhes versos palpitantes de patriotismo.

Castro Alves (1870) volta-se exclusivamente para um assumpto da mais alta importancia social, começa a publicar os bellos fragmentos de seu poema *Os Eseravos*<sup>1</sup> e só de então por diante foi tomado na devida consideração o *abolicionismo*. O que desde 1840,

---

<sup>1</sup> O poema *Os Eseravos*, só foi publicado em livro dez annos depois da morte de Castro Alves, cujos manuscriptos colleccionei em edição preparatoria: tenho actualmente muitos outros ineditos, que em edição definitiva serão convenientemente intercalados na obra.

platonicas tentativas de estadistas e patriotas não lograram conseguir, a musa apaixonada do joven poeta alcançou em breves annos, despertando o enthusiasmo nas academias, levando a commoção : o seio das familias, provocando as discussões politicas nas duas casas do parlamento, que dentro de um anno determinaram a promulgação da lei de 28 de setembro de 1871, cuja consequencia logica foi o grande facto social e humano realizado a 13 de maio de 1888, que por sua vez cooperou poderosamente para o inesperado acontecimento de 15 de novembro de 1889.

Castro Alves, além do brillantismo das imagens, da espontaneidade dos versos, e da riqueza de antitheses e de hyperboles com que os opulentava, foi o unico, entre todos os nossos poetas, que soube observar as condições do *meio*, da *raça* e do *momento*, sendo por isso a sua obra de resultado muito mais pratico, social e humano, que a de todos os nossos outros poetas. E é assim que a sua musa gloriosa pôde ser considerada a redemptora dos captivos no Brazil.

Observa-se naturalmente a lamentavel coincidencia de terem desapparecido da vida, ainda no alvorecer da mocidade, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Castro Alves e tantos outros poetas brasileiros. Este facto, que eu por muito tempo considerei como « uma fatalidade » é admittido como « uma necessidade historica » justificada pela moderna lei dos *homochronismos*, de que fala Boisjoslin.

« Na Allemanha (diz o autor da *Philocritica*) deram-se as mesmas perdas prematuras. Hoelderlin, discipulo de Hegel, sonhador pantheista, superexeita os centros nervosos e acaba louco. Sonnemberg leva o amor do vago e do indefinido a ponto de suicidar-se. Novalis e Shulze entysicam e morrem. »

Byron e Chatterton, na Inglaterra : Musset, Malherbe e Chénier na França : Espronceda, Bartrina e Gustavo Becquer, na Hespanha : Soares de Passos, Guilherme Braga e Cesario Verde, em Portugal : Edgar Poe, na America do Norte : Manuel Acuña, no Mexico : Perez Bonalde, em Venezuela, todos morreram tambem na flôr da idade, deixando um rastro luminoso da sua passagem pela vida.

O visconde de Porto Seguro, Januario da Cunha Barbosa, Pereira da Silva, Joaquim Norberto e outros, tentaram ligeiros ensaios de historia e critica literaria, mas, á mingua de preparo e methodo

scientifico, todo esse esforço intellectual foi mallogrado, cabendo a Tobias Barreto, Sylvio Roméro, José Verissimo e Araripe Junior a palma da iniciação — que actualmente floresce e frutifica nas mãos dos tres ultimos.

Surge a poesia *sertaneja* e *campesina*, de que são os principaes representantes Bittencourt Sampaio, Joaquim Serra e Trajano Galvão, este ultimo, como criteriosamente observa Sylvio Roméro,— « collocou-se no ponto de vista de um lyrismo semi-descriptivo e galante: <sup>1</sup> em suas poesias o escravo não protesta, o poeta dá-lhe a palavra <sup>2</sup> e o *Calhambola*, a *Crioula*, *Naranjan*, <sup>3</sup> descantam suas pretenções, seus desejos. »

De mais duradouro resultado pratico parece-me a obra, colossal na sua synthese prodigiosa, do Sr. Machado de Assis, ora no seu *americanismo*, preferivel ao *indianismo* dos seus predecessores, ora no seu *lyrismo* são e radioso, ora no seu *humorismo*, mixto da poesia alleman e da philosophia ingleza; mas sempre classico na linguagem e modernissimo no estylo.

Carlos Ferreira, Castro Rebello e Ramos da Costa (este, morto em 1870, com 22 annos de idade) tres poetas talhados para altos vãos, nada mais fizeram que trilhar, desembaraçadamente, pelo mesmo caminho já percorrido por Castro Alves, na poesia lyrica e hugoniana.

Mucio Teixeira, nas *Violetas* (1875) e nas *Sombras e Clarões* (1877) procura dar o cunho da historicidade á poesia politica, vagamente iniciada entre nós por Pedro de Calazans, nas *Ultimas Paginas* (1853) e Pedro Luiz (que não deixou livro) nas poesias *A Sombra de Tiradentes* (1862) e os *Voluntarios da Morte* (1863). Assis Brazil ensaia identica tentativa, no livrinho das *Chispas* (1877) e Generino dos Santos com Lucio de Mendonça dão a esse genero de poesia os mais amplos fóros de cidade.

Mucio Teixeira volta-se para a savana gaúcha nos *Novos Ideaes*, onde pernoita solitario, lamentando intimamente que vá desapparecendo na actual geração de poetas o caracteristico da lyra nacional.

<sup>1</sup> Até ahí em nada se avantajou dos dois primeiros.

<sup>2</sup> O mesmo se observa nas poesias *Conselhos de minha Mãe*, no *Lenhador* e *A Captiva*, de Bittencourt Sampaio.

<sup>3</sup> Vide o *Parnaso Maranhense* (edição de 1861).

Moços de singular engenho e multiplas aptidões têm apparecido em não pequeno numero, nestes ultimos annos, mas infelizmente nenhum com a intuição do meio physico.

Poetas de reputação já conquistada, como Luiz Delfino e Machado de Assis, embera conservando sempre em punho as lyras afinadas, em vez de apontar aos *novos* o caminho que devem trilhar, como que se deixaram hypnotisar pelas suggestões dessa mesma juventude poderosa, e perdem-se no mesmo labyrintho de escolas, que neste ultimo decennio tanto tem preoccupado o espirito nacional.

O criticismo de Clovis Bevilacqua e Arthur Orlando: as maravilhosas syntheses de Annibal Falcão: o *sensualismo* tropical da poesia tallhada pelos moldes de Carvalho Junior: o *humorismo* de Lins de Albuquerque: o *positivismo* de Generino dos Santos: o *saturnismo* dos academicos de S. Paulo e Pernambuco (1870 a 1880): o capricho artistico e o sentimento profundo de Olavo Bilac: a sinceridade humana e a resignação heroica de Luiz Murat: o *scientificismo* de Martins Junior: o *symbolismo* de Augusto de Lima: o laborioso de concepção mas falcante de brilhos de Raimundo Corrêa: a fidalguia espiritual de B. Lopes e de Alves de Faria: a excentricidade estupenda de Emilio de Menezes e o *decadentismo* de Medeiros e Albuquerque, todas essas soffregas manifestações da alma moderna dos nossos poetas, não dão mais do que confusos symptomas morbidos do actual momento historico, naturalmente explicadas pela preoccupação de uma geração impaciente por emancipar-se de antigos preconceitos.

Só assim posso explicar essa anarchia mental que desvia da linha recta das verdadeiras aspirações nacionaes essa poderosa legião de verdadeiros gigantes do pensamento.

Observa-se na poesia nacional o mesmo *extremo requinte e a sciencia extrema da Forma*, que Eça de Queiroz criteriosamente analysa como sendo o caracteristico predominante da poesia franceza nestes ultimos vinte annos:

« No periodo lyrico que vai de Lamartine a Brizeux, a Poesia brotava da Emoção, tão naturalmente como da terra brota uma nascente — que se propaga, corre, abundante e facil, reflectindo no seu curso toda a Vida e toda a Natureza, céus, arvoredos, moradas marginaes e os homens que se debruçam sobre a sua transparencia.

Hoje (para continuar esta imagem) a divina nascente parece ir secando. Já não borbulha entre as relvas simples, está canalizada numa fonte de marmore; mas apenas della, a espaços, cai alguma gotta solitaria que na atmospherá glacial deste seculo de analyse e de critica, tão incongenere com a poesia, immediatamente gela e se faz crystal. São estes crystaes que poetas, cheios de arte e paciencia, engastam em filigranas de ouro, orlam de pedrarias e põem á venda «chez Lemerre». A estes poetas deu-se em França o nome de «Cinzeladores». A sua obra realmente pertence mais á joallheria do que á poesia.»

Essa, porém, não é a missão do poeta. Além de estar-lhe reservado muito mais importante papel na tragedia da vida, *os versos só por si não são poesia*. «A poesia está nas idéas, diz Victor Hugo; e as idéas vêm da alma. Os versos não são mais do que um vestuario elegante num bello corpo. A poesia pôde-se exprimir em prosa, a differença é que é mais perfeita, revestida com a graça e a magestade do verso. A poesia da alma é quem inspira tanto os nobres sentimentos e as nobres acções, como os nobres escriptos. Um poeta, que seja mau homem, é um ente desautorizado, muito mais vil e culpado que um mau homem que não seja poeta. Existe em nós um ser immaterial, que está como que desterrado no nosso corpo, ao qual deve sobreviver eternamente. Este ser, de uma essencia mais pura, de uma natureza melhor, é a alma. E a alma é quem produz todos os enthusiasmos, todas as affeições, quem concebe Deus e o ceu. Em duas palavras, a poesia é a expressão da virtude. Uma bella alma e um bello talento poetico, são quasi sempre inseparaveis. A poesia só provém da alma, e tanto se manifesta por uma boa acção como por um bom verso.»

Charles Nodier, pintando com toda a exactidão o momento literario da victoria dos romanticos sobre os classicos francezes, diz: «Si as artes comprehendem algum movimento digno da posteridade, é noutro terreno. Si se desenvolve algum talento prodigo de valiosas esperanças é á sombra de outra bandeira. O que se deve concluir de tudo isto, sinão que está mudado o estado da sociedade, que as suas necessidades o estão tambem, que esta ordem de coisas é irreparavel pelo mesmo modo que é inevitavel, e que, si não se aceitar a literatura como ella é, se corre o risco de não a ter absolutamente?»

Manifestam-se nos homens de certa organização tentativas, que têm por alvo a gloria, iguaes em energia ás que miram á ventura e á voluptuosidade.

As intelligencias precoces e as sensibilidades profundas não calculam o futuro: devoram-no. As paixões de uma alma joven e poderosa não conhecem o dia seguinte. Julgam poder saciar todas as suas ambições e todas as suas esperanças na nomeada e nos prazeres passageiros. Imagine-se um autor condemnado pela sua propria vontade a reunir custosamente todas as enfermidades moraes da vida, todos os horrores da sociedade, todas as suas monstruosidades, todas as suas degradações, todas as excepções medonhas do estado civilizado. para escolher no meio de todos estes hediondos refugos, algumas anomalias repugnantes, ás quaes as linguas humanas têm apenas concedido um nome, como o *neuroterio*, o cada-falso, a forcea, o antropophago, o carrasco, e não sei quantas coisas mais que não têm ainda nome, por isso que liga a estes ultimos estados ambições execraveis e prazeres incompreensíveis ».

V. de Laprade elucidou o melindroso ponto em questão:—o que ha de mais difficil e admiravel não é somente pintar e escrever bem. é *pensar alguma coisa* que valha a pena de ser escripta e pintada...

« A sciencia e a arte, diz Tobias Barreto, são as duas azas do espirito humano. Prima a philosophia entre as sciencias, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas ao passo que a sciencia caminha, a poesia vóa;—o seu mister não é como o da sciencia, esclarecer as sombras do problema universal: mas tambem não deve ser estranha aos achados daquella.

O coração do poeta é o clepsydro em que soam sempre adiantadas as horas da vida do mundo. Os poetas e os sabios, é verdade, devem ser iguaes, porque devem ser da estatura do seu seculo.—« Goethe é do tamanho de Humboldt. »

Mas... « é uma loucura, diz Magnin, querer a poesia sabia, como um artigo do código civil, e lucida como a demonstração do quadrado da hypotenusas. »

O que actualmente se observa na literatura nacional, simples reflexo do que se vê nas demais literaturas do mundo occidental, é um facto commum de todos os fins de seculo:—é uma especie de liquidação moral, intellectual, politica, psychologica e sociologica, a que só o proximo seculo XX poderá dar o balanço.

Esse abandono da esthetica na estructura da estrophe, dos poetas *nephelebatas*; esses tons largos, quasi scenographicos, da pintura moderna; o phonetismo confuso da *musica do futuro*; essa minudencia investigadora e insaciavel dos estados psychicos, tanto no romance como no livro de critica; a obra d'arte, emfim, nestes ultimos tempos, exige um tão exagerado grau de sensibilidade, que o artista, para bem desempenhar o seu papel, parece mais um caso pathologico, como que um inconsciente agitado pelas correntes nervosas. Paira uma sofreguidão indomavel sobre o meio literario e artistico, tão perigosa quão semelhante ao anarchismo neste momento politico e social.

Qual será o nosso ideal poetico de amanha? Só o seculo XX, resolvendo os complicados problemas do nosso tempo, poderá dar-nos a resposta definitiva. Attentas, porém, as nossas excepcionaes condições de raça, e de meio physico, parece-me que já vai chegando o momento historico de nos compenetrarmos do singular papel que nos está reservado.

Filhos de um continente novo, embalados pelas tradições de tres raças inteiramente diversas, no meio opulento de um scenario quasi virginal, ante o spectaculo sumptuoso de panoramas vastissimos como as savanas gaúchas, altos como essas montanhas cheias de ouro e prata e diamantes, ouvindo a queda d'agua de cataractas como a de Paulo Affonso, vendo rios que parecem oceanos—como o Amazonas, e tendo sobre as nossas cabeças essa prodigiosa cruz de estrellas, que serve de emblema à nossa bandeira, nada temos que ver com as escolas literarias de outros povos, pois temos na patria o minerio preciso e a pedraria rutillante para o mais custoso adereço completo das nossas Musas.

MUCIO TEIXEIRA

---